



## Carolina de Jesus e Fumiko Hayashi: a escrita feminina em tempos de privação

### Carolina de Jesus and Fumiko Hayashi: female literature in hard times

Samara Leonel<sup>1</sup>

**Resumo:** Duas mulheres da mesma geração, em lados diferentes do planeta. Provenientes da classe trabalhadora, a luta por produzir sua literatura e as dificuldades em manter o sustento se assemelham. A fome é uma presença obsessiva que não se pode ignorar. Os homens, longe de serem parceiros protetores, são constantemente fonte de problemas e opressão. Em seus diários, elas mostram a difícil trajetória para manter a esperança e a dignidade numa sociedade tão hostil com as mulheres sozinhas.

**Palavras-chave:** classe trabalhadora; diários; literatura feminina

**Abstract:** Two women of same generation, at different sides of Earth. From working class, their struggle to produce literature and their difficulties to support themselves are similar. Starvation is an obsessive presence that can't be ignored. Men are not protective, but constantly a source of problems and oppression to them. Their journals show a hard path to maintain hope and dignity before a society so unfriendly with single women.

**Keywords:** working class; journals; female literature

Fumiko Hayashi e Carolina Maria de Jesus nasceram com apenas onze anos de diferença, mas em pontos opostos do globo. Uma, ao sul da ilha de Honshu, no Japão - vagou por várias partes de seu território nacional, atrás de melhores trabalhos temporários, enquanto buscava reconhecimento por suas poesias e histórias. A outra nasceu no interior de Minas Gerais, mas foi na favela do Canindé, em São Paulo, que escreveu seu diário - registro de uma realidade crua com vieses poéticos.

Tendo que trabalhar para garantir o próprio sustento, ambas saíram da pobreza extrema através de suas obras, mas só depois de muita luta. Mesmo assim, seus diários dos tempos difíceis se tornaram *best-sellers* em pouco tempo. Por outro lado, os constantes esforços e as privações talvez tenham sido a razão de suas mortes prematuras (Fumiko com 48, Carolina com 63). As diferenças são muitas, mas nos toca a

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras pela UFRGS, Mestra em Literatura Comparada pela UFSM, e bacharel em Letras pela UFRGS e em Comunicação Social pela ECA-USP.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa  
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 – 2020

Dossiê Literatura, Raça e Etnia

semelhança do humano: a fome; a difícil relação com os homens; a luta pela dignidade e a resiliência, que mantém a esperança.

Fumiko nasceu em 1903, em Yamaguchi (KOKUSAI BUNKA SHINKOKAI. 1970, p. 146), mas ela própria declarava “eu tenho como minha pátria ‘a viagem’” (HAYASHI, 1995, p. 11), já que seus pais não teriam podido ficar em suas próprias terras por se unirem sem autorização paterna – ele, um caixeiro viajante; ela, filha do dono de uma hospedaria. Com pouco tempo de união, o pai se envolveu com uma gueixa e a levou para casa, fazendo com que a mãe o abandonasse e iniciasse uma vida um tanto nômade. Logo se casou novamente, e seu padrasto, que também comerciava viajando por diversas regiões, fez com que ela não tivesse residência fixa por muito tempo. Só em 1916, quando era já uma adolescente, a família se fixou por um período em Onomichi, onde ela pode cursar o colégio secundário feminino - o que era um grau de formação considerável para sua época, mesmo para homens. Conseguir estudar até esse nível, dentro da sua condição social, era um fato um tanto extraordinário, ainda mais porque ela aceitou vários tipos de trabalhos temporários para custear estes estudos. Oportunidades de trabalho para mulher eram raras, e as atividades que ela exerceu eram consideradas de mulheres modernas e emancipadas.

Em seguida à conclusão do curso, partiu para Tóquio com o namorado, um universitário, que a abandonou em 1922 quando ele se graduou, voltando para a terra natal e deixando-a para trás. Aí começou para ela a vida errante, que a colocou em muitas situações financeiramente difíceis, e também seu diário, que abordamos neste artigo. Envolveu-se em vários romances com artistas nesse período, todos mal sucedidos e, pelo que lemos em *Memórias de uma errante*, em situações nas quais ela tinha de trabalhar para manter o sustento de ambos. Essa erraticidade segue até 1925, quando se casou com o artista plástico Tezuka Ryokubin, mas, mesmo casada, ela era a principal provedora de sustento da casa. Sua situação financeira só melhora com a publicação de *Memórias*, mas sempre teve de trabalhar arduamente, ainda que como escritora, com uma produção acima do normal, para manter-se. (SHIMON, 1995, p.10)



Enquanto Fumiko não podia se manter por muito tempo na mesma hospedagem, vagando de quartinho em quartinho, Carolina sofria a angústia de se ver presa na favela, onde teve de viver de 1948 até 1960, quando conseguiu publicar seu diário, de êxito instantâneo<sup>2</sup>. Sua formação tinha sido muito mais simples que a de Fumiko, não passando dos primeiros anos do ensino fundamental e se aprimorando, em grande parte, pelo autodidatismo. Apesar de não chegar a dominar o registro formal de sua língua e não ter o estudo de literatura da japonesa, sua curiosidade e interesse pela leitura a fizeram perseverar, mesmo entre percalços. Entre os dois países existia (e existe) um abismo no sistema de educação que não pode ser desconsiderado. Ainda assim, com suas faltas ortográficas e gramaticais, fruto de uma educação conquistada a duras penas, Carolina conseguiu expressar claramente, com vivacidade e enfoque francamente jornalístico, ainda que com toques de poesia, sua vivência e suas ideias, o que resultou no sucesso de *Quarto de despejo*.

Neste artigo, vamos analisar tópicos recorrentes nas obras das duas, que com quase absoluta certeza nunca ouviram falar uma da outra, mas que apresentam dores e superação semelhantes: a fome (e o cansaço), a desilusão com os homens, a altivez para seguir lutando.

## 1 Fome

Em seu diário, Fumiko mais de uma vez cita Knut Hamsun, autor norueguês de *Fome*, ao falar da própria vida. Hamsun conta as agruras de um escritor, tentando viver exclusivamente de sua arte. Já a compararam também a John Fante, em sua trajetória errática em busca do sucesso literário.

Mas, ao contrário dos dois, que se sustentavam com os poemas e as histórias que conseguiam vender, e viviam os intervalos como podiam, dedicando o maior tempo possível à escrita, nossas heroínas da classe trabalhadora estavam sempre envolvidas

---

<sup>2</sup> Em menos de doze meses, mais de setenta mil exemplares foram vendidos. Uma tiragem bem-sucedida, na época, tinha cerca de quatro mil exemplares. Nenhum autor no Brasil chegara perto desse sucesso de venda. (MACHADO, 2006, p. 106)



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa  
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 – 2020

Dossiê Literatura, Raça e Etnia

com algum tipo de trabalho duro, escrevendo nas horas vagas. E ainda assim, a fome era um fantasma constante.

“Quando sinto fome, a cabeça começa a ficar nebulosa e acabo criando mofo nas minhas ideias. Ah, minha cabeça não é proletária nem burguesa. Eu quero apenas um punhado de bolinho de arroz branco.” (HAYASHI, 1995, p. 95) Não é poético, mas é tema. A fome é imperiosa e não pode ser ignorada.

Em Carolina, lemos também:

Pensei em guardar o dinheiro para comprar feijão. Mas vi que não podia, porque meu estômago reclamava e torturava-me.

...Resolvi tomar uma média e comprar um pão. Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu, que antes de comer, via o céu, as árvores, as aves tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou-se aos meus olhos.

A comida no corpo é como o combustível nas máquinas. Passei a trabalhar mais depressa. O meu corpo deixou de pesar. Comecei andar mais depressa. Eu tinha impressão que deslisava no espaço. (JESUS, 1960, p.40)

As citações sobre o tema, nas duas obras, são inúmeras. Porque não é uma característica de autor, mas uma vivência humana. Está ao nosso lado, à nossa frente, todos os dias nas grandes cidades. É desumano, mas se normalizou tanto, que não nos afeta mais. Mas ler a experiência da fome através do relato de escritoras sensíveis, ainda que sua citação seja “exaustiva”, provoca outra percepção, que chega a beirar a sensação física. Precisamos do olhar do outro para nos humanizar?

A fome em Carolina é ainda mais avassaladora que em Fumiko, porque abrange o desespero de ver a privação dos próprios filhos. “Como é horrível ver um filho comer e perguntar: “Tem mais?” Esta palavra “tem mais” fica oscilando dentro do cérebro de uma mãe que olha as panela e não tem mais.” (JESUS, 1960, p. 34)

Por outro lado, esse cuidado com os filhos traz a Carolina uma vontade imbatível, motivação para enfrentar as dores no corpo, o cansaço, a chuva. O seu sentido de obrigação para com os filhos, por ser tudo o que eles têm, é muito forte. “Refleti: preciso ser tolerante com meus filhos. Eles não têm ninguém no mundo, a não ser eu. Como é pungente a condição da mulher sozinha sem um homem no lar.”



(JESUS, 1960, p. 19) Mas o desejo de ler, escrever e poder ser livremente ela mesma a faz refutar a ideia de um casamento:

E ela tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pede socorro, eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra as tábuas do barracão eu e meus filhos dormimos socegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vidas de escravas indianas. (JESUS, 1960, p. 14)

Fumiko, perante as adversidades, chega a desanimar e sente desejos de morrer. Mesmo fraquejando algumas vezes, Carolina é mais categórica: “Ninguém deve alimentar a ideia de suicídio” (JESUS, 1960, p. 55). Talvez seja necessário lembrar aí que o suicídio como fuga das situações insuportáveis é bem mais tolerado na sociedade japonesa que na ocidental.<sup>3</sup>

Ainda assim, tem o mesmo orgulho de Carolina, no que diz respeito a aceitar ajuda financeira masculina. “Trabalharei, confiando inteiramente em meu corpo rijo” (HAYASHI, 1995, p. 30), porque, ainda segundo a autora, “ser sustentada por homem é pior que mastigar barro.” (HAYASHI, 1995, p. 53).

## 2 Amantes

“Esperei até as 11h, um certo alguém. Ele não veio.” (JESUS, 1960, p. 9) – informa-nos Carolina logo ao começo dos diários. Apesar de solteiras, a independência de seus modos de vida permite às duas autoras uma liberdade sexual maior que a normal para as mulheres de sua geração.

Fumiko começou sua vida errante em função de um namorado. Teve várias outras relações depois, mas nenhuma, até o final dos diários, pareceu feliz. “Todo e qualquer homem é imprestável! Não é mesmo? Tomada de fúria e vontade de espernear e pisotear, embebedei-me misturando uísque e saquê.” A paixão, em Fumiko, é sempre sinônimo de sofrimento. Tanto pela traição sexual, como por se aproveitarem financeiramente dela. (HAYASHI, 1995, p. 50)

---

<sup>3</sup> PINGUET, M., 1984, p. 49-78.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa  
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 – 2020

Dossiê Literatura, Raça e Etnia

Homens que traem, que abandonam, que exploram. Homens que batem. Carolina tinha seus encontros e a fama de seduzir homens bonitos, mas deixa clara a disposição de não se casar. Manuel sempre lhe propõe casamento. “Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar a noite sem ler” (JESUS, 1960, p. 44). Outros a convidam para a cama, mas sua seleção segue critérios próprios: “mas meu coração não pede para eu ir no quarto dele” (JESUS, 1960, p. 25).

Matsu-san sempre corteja Fumiko e lhe faz propostas. Ela chega a lamentar não conseguir sentir por ele mais que uma vaga repulsa, já que a consola com palavras gentis (HAYASHI, 1995, p. 43); mas logo, num passeio de carro que aceita dar com ele, o homem força uma situação sexual (HAYASHI, 1995, p. 83). A relação com o masculino é sempre de desconfiança. As paixões são sofrimento. A mulher sozinha, por definição, é presa fácil, indefesa: “porque eu tinha medo de me perder mais uma vez, por causa de um homem. É certo que meu corpo não é casto, mas ainda pode haver, em algum lugar, um homem a quem eu possa entregar toda minha vida” (HAYASHI, 1995, p. 67).

Carolina se apaixona pelo cigano, e isso a perturba: “não estou gostando do meu estado espiritual. Não gosto da minha mente inquieta. O cigano está perturbando-me. Mas eu vou dominar essa simpatia” (JESUS, 1960, p. 136). Mas logo percebe seu comportamento sedutor, inclusive sobre jovens muito mais novas e resolve se afastar dele, pensando até em denunciá-lo à polícia: “rosto de anjo com alma de diabo” (JESUS, 1960, p. 136).

Okei-chan, personagem de Hayashi, define o estado de espírito das mulheres humildes de sua época para com os homens:

- Sabes, mi'a amiga? – Okei-tchan continuou, - essas lenga-lengas bobas eu não quero saber nunca mais! No mundo como este, querida, essas juras não valem nada! Olhe, o homem que me fez o que sou hoje, virou um deputado federal, mas só me deu um filho e deu sumiço! Quando nós, mulheres, parimos bastardos, nos chamam de “garotas modernas”, não é assim? Que caras-de-pau!... não achas que é um mundo ridículo? Hoje em dia, não tem mais sinceridade nem pra fazer remédio! Eu continuo trabalhando neste emprego mais de 10 anos, por amor a meu filho... (HAYASHI, 1995, p. 89).



Sem a proteção da família, elas se sentem simples presas da luxúria masculina. Carolina tem três filhos, cujos pais quase não são citados. Apenas a filha mais nova, que tem um pai com certos recursos, recebe alguma ajuda. Mas o dinheiro frequentemente atrasa, não é dado de bom grado e cria situações humilhantes para ser recebido (JESUS, 1960, p. 146).

Isso, no entanto, não as impede de se relacionarem quando e com quem bem entendem. Dentro de seus próprios preceitos morais: “esta história das mulheres trocar-se de homens como se estivessem trocando de roupa, é muito feio. Agora uma mulher livre e que não tem compromissos pode imitar o baralho, passar de mão em mão” (JESUS, 1960, p. 112).

### 3 Dignidade e resiliência

“As mulheres olham a minha cara e passam rindo baixinho. Será que usei rouge demais ou meu cabelo está mal arrumado? Devolvo-lhes o olhar de ódio. Não existe ninguém mais impiedoso que as mulheres.” (HAYASHI, 1995, p. 34) A necessidade exposta na condição de vendedora de rua traz pequenas humilhações que não se pode evitar.

Tornar-se escritora, nessas condições, é um ideal que não tem o apoio nem da própria família: “não sejas presunçosa com teu talento” (HAYASHI, 1995, p. 69), diz-lhe o pai.

Carolina, além da pobreza, encara o estigma étnico. Nesse país onde a pobreza tem tom de pele, as letras não são, em definitivo, permitidas para os negros: “nunca vi uma preta gostar tanto de livros quando você” (JESUS, 1960, p. 23); “está escrevendo, negra fidida!” (JESUS, 1960, p. 24). Os episódios não são poucos; mas, mesmo no meio hostil, Carolina tem um orgulho bem configurado do que faz e de quem é.

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta [...] O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se



o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém. (JESUS, 1960, p. 58).

Fumiko também passa por uma série de situações mais ou menos humilhantes, agravadas, segundo descreve ela mesma, por “meu temperamento rebelde”. Perde trabalhos, porque não suporta receber ordens de gente rica. Embora vez por outra diga sentir-se tentada, quando recebe uma proposta real para prostituir-se, se sente humilhada a ponto de chorar. Por dez ienes, aceita por impulso, numa aposta, beber dez doses de uísque barato em sequência, sem cair. Esse suposto ato de coragem e ousadia a faz sentir ultrajada e decadente, ainda que alegue rebeldia.

No Brasil, Carolina suportava a perseguição aos seus filhos “de mãe solteira”, os insultos e a inveja das mulheres da favela: “ela odeia-me. Diz que sou preferida pelos homens bonitos e distintos” (JESUS, 1960, p. 9). Sua atividade de catadora de papel e metal, bem como seu hábito constante de escrever, também geram inimizades. Mas, principalmente, sua postura de, no meio de tanta privação, manter-se pensando, consciente do seu valor, “diferente”<sup>4</sup>, o que a tornava uma outsider dentro ou fora da favela.

Sem dinheiro para o mínimo, os padecimentos físicos têm que ser suportados “a seco”. Carolina têm dores no corpo, febres, os ombros feridos de carregar tanto peso. Fumiko padece de dor de dentes. São seu próprio cuidado e paciência.

A sensação de desamparo e a experiência aguda da dor e da fome é chave de realidade que constrói as descrições tocantes, sem cair no pieguismo, de seus próprios sofrimentos e de seus iguais. Não só sobre os diários, mas também sobre a obra posterior de Fumiko, já foi dito: “Most of the characters in Fumiko Hayashi’s writings

---

<sup>4</sup> “Carolina sempre foi especial porque foi diferente. O outro: sempre foi o outro. E, por isso, muito incompreendida e, muitas vezes, rejeitada. (...) E Carolina era nova porque trazia o novo: era surpreendente! E é nova porque ainda nos surpreende. Porque Carolina é atual! E é atual porque também nos remete a problemas tão velhos... Carolina é o “outro” porque é bela. Enquanto os vários outros afirmavam sua feiúra, ela nos mostrava sua beleza. Porque Carolina é POETA! E o poeta é o “outro” por excelência! Carolina é a personificação de vários “outros”: é mulher, é negra, é pobre. O pobre do campo e da cidade. E, ao mesmo tempo, se negou a ocupar o lugar que se esperava dela enquanto alguém que suportava tantos estigmas! Ela é a contestação e o exótico! Quando, na verdade, apenas requeria o direito de ter sua própria identidade.” (SILVESTRE NATÉRCIA, 2006, p. 65-66).



belong to the Tokyo lower classes. She portrays them with realism and compassion, probably because as young woman she experienced the hardships of their life” (KEENE, 1997, p. 1115).

Apesar de todas estas circunstâncias, seguem escrevendo e escrevendo e escrevendo. Por uma vida inteira. Seus diários se tornam sucesso e sacam-nas do anonimato e da pobreza, mas com limites.

Fumiko viveu da sua escrita até sua morte prematura, sempre trabalhando excessivamente, porque provia toda a casa. Carolina conseguiu sair da favela do Canindé, escreveu mais cinco livros, mas não pôde repetir o sucesso do primeiro. Foi esquecida pelo mercado editorial, voltou a catar papel e terminou seus dias esquecida num sítio em Parelheiros, ainda que seu livro seja sucesso de vendas em vários países até os dias atuais.

#### 4 Conclusão

*Memórias de uma errante* e *Quarto de despejo* são conhecidos e vendidos até hoje por serem tocantes relatos de superação. E por darem voz a uma figura feminina que a literatura escrita por homens raramente contempla: determinada, corajosa, longe da perfeição, mas com ideais definidos que busca com persistência.

Na literatura dessas mulheres tão reais, não existem homens heróis: são, antes, revelados em toda sua fraqueza, sua irresponsabilidade, sua tentação de abusar da vulnerabilidade feminina. E não há salvador. As salvadoras são elas mesmas, algumas vezes ferindo-se, mas sempre seguindo altivas, conscientes do próprio valor.

Escrevendo da primeira metade do século XX, onde o machismo era institucionalizado e não se falava ainda em “desconstrução”, os autorretratos sensíveis dessas mulheres que conseguiram educar-se à margem das expectativas de sua condição ainda são bastante atuais e se sustentam tanto por seu valor literário como social.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa  
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 – 2020

Dossiê Literatura, Raça e Etnia

## Referências

HAYASHI, Fumiko. *Memórias de uma errante*. Trad. Meiko Shimon. Porto Alegre: Movimento, 1995.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo – diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

KEENE, Donald. *Modern Japanese Literature*. Tokyo; London: Charles E. Tuttle Co, 1997.

KOKUSAI BUNKA SHINKOKAI. *Synopsis of Contemporary – II (1936- 1955) Japanese Literature*. Tokyo: Kokusai Bunka Shinkokai (Japanese Cultural Society), 1970.

MACHADO, Marília N. M. Os Escritos de Carolina Maria de Jesus: Determinações e Imaginário. In: *Psicologia & Sociedade*; 18 (2): 105-110; mai./ago. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n2/13.pdf>. Acesso em: 17 dez 2019.

PINGUET, Maurice. *A Morte Voluntária no Japão*. Rio de Janeiro, Rocco, 1987.

SILVESTRE, Nathércia. Carolina de Jesus: a beleza de ser diferente. In: *Baleia na Rede*: Revista online do Grupo de Pesquisa e Estudos em Cinema e Literatura. v. 1 n. 3 (2006): *Revisitando o Quarto de despejo*. Disponível em: [http://www2.marilia.unesp.br/revistas/ind\\_ex.php/baleianarede/article/view/1367](http://www2.marilia.unesp.br/revistas/ind_ex.php/baleianarede/article/view/1367). Acesso em: 16 dez. 2019.

SHIMON, Meiko. Hayashi Fumiko e sua obra. In: HAYASHI, Fumiko. *Memórias de uma errante*. Porto Alegre, Movimento, 1995. p. 7-10.